

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo
n. 20, n. 1

SOBRE MARTIN HEIDEGGER E CLARICE LISPECTOR: o pensar e seus caminhos.

Maria de Fátima Batista COSTA¹

*... tudo o que existe exala um finíssimo
resplendor de energia. A verdade do mundo,
porém, é impalpável.*

Clarice Lispector²

*No pensar cada coisa torna-se solitária e
lenta.*

Martin Heidegger³

Resumo

A partir da questão do pensar na Filosofia e na Literatura, especialmente nas obras de Clarice Lispector e Martin Heidegger, relacionamos como os dois pensadores por vias diversas guardam o compromisso com o pensar como atividade originária, ação que nem sempre se dá pelas formalidades lógicas da estrutura da racionalidade instrumental. Nos dois, pensar o Ser é *paixão* que não se furta a desvios. Todo o compromisso literário de Clarice é dizer o ser nos limites precários da condição humana linguisticamente mediada. Para Heidegger o enraizamento a questão do *sentido do ser* e como este foi pensado esquecido constitui a questão central da trajetória filosófica ocidental.

Palavras chave: Pensar; Ser; Sentido.

¹ Graduada em Filosofia (UNICAP), mestre em Filosofia (UFPE), doutora em Letras (UFPE); Professora da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. . Email: arcenicopessoa@gmail.com

² LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. op. cit. p. 89.

³ HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 41.

Se partirmos do pressuposto de que há pontos em comum entre os trabalhos de Clarice Lispector e Martin Heidegger, o primeiro a ser considerado é o compromisso com o pensar. Nos dois, pensar o Ser é *paixão* que não se furta a desvios. Todo o compromisso literário de Clarice é dizer o ser nos limites precários da condição humana linguisticamente mediada. Já todo o enraizamento do projeto filosófico de Heidegger é na questão do *sentido do ser*⁴ e como este foi pensado ao longo da trajetória filosófica ocidental.

Para o filósofo, a *questão do ser* é a mais antiga de nossa tradição. Sob a âncora da pergunta, “(...) o Ser é uma simples palavra e sua significação um vapor, ou constitui o destino espiritual do ocidente?”⁵, Heidegger revolveu as bases desse pensar possibilitando o aparecer de uma outra visada sobre o ser e sobre o homem no horizonte do tempo.

Ao longo de sua vida a *questão do ser* se desdobrará em várias outras, mas será sempre guia na crítica acirrada que faz à metafísica. Em *Ser e Tempo*, obra de 1927 e também uma das mais conhecidas, Heidegger empreenderá uma *analítica existencial* tendo por objetivo pensar o ser desde uma *ontologia fundamental*. No final da obra, Heidegger nos diz que a analítica existencial empreendida ali era apenas ‘um caminho’, e não o caminho, portanto *intermédio*, e que a verdadeira tarefa pretendida na obra era a explicitação do ser enquanto tal, daquilo que na história do pensar ocidental permaneceu velado ou oculto.⁶

Pensar o ser em seus diversos modos de dar-se histórico é o compromisso por excelência do filósofo, mas isso só deve ser afirmado se se tiver em mente que também em toda sua obra não há uma só tese que esgote a questão, que a responda definitivamente. O que o filósofo diz é sempre o mesmo (*das Selbe*), o que não quer dizer o igual (*das Gleiche*). O que também pode ser dito da obra de Clarice, que diz sempre o mesmo. O *mesmo* pode ser dito de infinitos modos, só quantificáveis pelo número infinito de homens, mas o *permanente no mesmo* é sempre o Ser, seja em Heidegger, seja em Clarice.

⁴ Em *Ser e Tempo*, “A questão do ser não é senão a radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da pre-sença, a saber, da compreensão pré-ontológica do ser”. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 41.

⁵ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. op. cit. p. 64.

⁶ “A tarefa das considerações até aqui realizadas consistia em interpretar, de maneira ontológica e existencial, a *totalidade originária, a partir de seu fundamento*, da presença de fato nas possibilidades de sua existência própria e imprópria.” No entanto, “a elaboração da constituição ontológica da presença é, porém, apenas um caminho” uma vez que “trata-se de buscar e de percorrer um caminho para o esclarecimento da questão da ontologia fundamental.” HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte II. p. 250s.

Geralmente se divide o trabalho do filósofo em dois momentos, um primeiro e um segundo Heidegger, e até um terceiro⁷. Mas esta classificação só tem sentido se mantivermos a consciência de que o constante em sua obra é a pergunta pelo sentido do ser. A marca central da primeira etapa de seu pensamento é o desenvolvimento de “(...) uma análise do existir humano na direção da temporalidade, no que o tempo aparece como o horizonte transcendental da pergunta pelo ser”⁸, resultando daí numa *analítica existencial*. Ou seja, o tempo é o horizonte a partir do qual se coloca a questão do sentido do ser. No segundo momento, geralmente considerado como uma *ontologia hermenêutica*, ponto central da volta (*Khere*), a *analítica existencial* de *Ser e Tempo* se transforma em *hermenêutica ontológica* sobre o crivo da interrogação permanente da própria história da metafísica.

O projeto de *Ser e Tempo*, dizer o ser no horizonte da temporalidade, não consegue ser cumprido em sua totalidade, não por uma deficiência do projeto, mas pela característica imanente ao próprio ser, que no seu jogo de velamento/desvelamento, não se deixa apreender pelo conceito. Os desdobramentos reflexivos da obra deságuam numa insuficiência do dizer uma vez que a questão ainda é colocada nos moldes da metafísica tradicional e com a linguagem da tradição.

Em *Carta sobre o humanismo*, obra que marca a passagem do primeiro para o segundo Heidegger e onde filósofo discute os diversos ‘humanismos’ repensando a necessidade de *um* humanismo, ele vai nos dizer que “...se (...) a verdade do ser se tornou digna de ser pensada pelo pensar, deve também a reflexão sobre a linguagem alcançar um outro nível. (...) ela não pode continuar sendo apenas simples filosofia da linguagem”.⁹ A preocupação com a linguagem assume já aqui a dianteira no trabalho do filósofo embora já esteja presente em *Ser e Tempo*. A

⁷ Os modos de abordar a questão muda ao longo da vida do pensador que irá se desdobrar como *verdade de ser, lugar do ser* e a permanente questão *da linguagem*, que já tem em *A doutrina das Categorias e dos Significados em Duns Scoto*, sua primeira obra, o esboço de todo o projeto especulativo. É o próprio Heidegger quem nos diz. “... já no título de meu trabalho de habilitação de 1915, **A doutrina das categorias e dos significados em Duns Scoto**, evidenciam-se ambas perspectivas. ‘**Doutrina das categorias**’ é, com efeito, o nome tradicional para o exame do ser do existente (*des Sein des seiendes*), e ‘**doutrina da significação**’ quer dizer a gramática especulativa, **a meditação metafísica sobre a fala e sua relação com o ser.**” HEIDEGGER, Martin. HEIDEGGER, Martin. *De camino al habla*. op. cit.p. 84.

⁸ COLOMER, Eusebi . *El pensamiento alemán de Kant a Heidegger*. Vol. III. Barcelona: Herder, 1990. p. 466.

⁹ HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. op. cit.p. 151. A investigação filosófica deve renunciar a uma “filosofia da linguagem” a fim de poder questionar e investigar “as coisas elas mesmas” e deve colocar-se em condições de trazer uma problemática clara, do ponto de vista dos conceitos. Martin HEIDEGGER. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 225s.

discussão sobre o humanismo, sobre o ser e sobre o homem já vem marcada pela compreensão de que *linguagem* e *ser* se revelam impensados pelo esquecimento da *diferença ontológica* que há entre ser e ente e que é constitutiva e fundante do ser no mundo.

Na visão do filósofo, desde há muito o pensar ocidental aprisionou o ser nas malhas do conceito e o definiu com precisão de relojoeiro nos mais diversos vocábulos, seja na figura da *essência*, da *ousia*, da *substância*, da *idéia*, da *subjetividade*, etc. Neste caminho, o ser foi tomado como óbvio, como evidente, como já ser sempre aí e que, por sua presença incontestada, dispensava interrogação. É neste ponto que se dá, segundo Heidegger, o grande equívoco do pensar ocidental, visto que aquilo que está sempre aí, que é presença permanente, exatamente por isso, torna-se o mais imperceptível. Para ele os problemas da filosofia são de um modo que se poderia dizer que “...quanto mais conhecido e óbvio é isto que ela questiona, tanto mais essencial é a pergunta”¹⁰. E para Clarice “o pensamento filosófico é por excelência aquele que vai até o seu próprio extremo.”¹¹

O ser, por ser o mais próximo, torna-se o mais distante, e, assim, as condições de possibilidade do pensar resultaram impensadas. Segundo Lima Vaz, “Ocupado totalmente pelos entes, o espaço metafísico traz consigo o ocultamento do Ser e, historicamente, o seu ‘esquecimento’, vindo o pensamento a ocupar-se unicamente com a organização do mundo”.¹² Pode-se então afirmar que a *questão do ser* é o caminho, e a *Metafísica* é o nome “... para designar o centro decisivo e o núcleo de toda filosofia”¹³ que resultou impensada.

Para o Heidegger, é precisamente a *diferença* basilar entre *ser* e *ente* que foi esquecida pelo pensar ocidental que constituiu toda uma metafísica voltada para a entificação do ser. *Diferença* essa que é denominada *diferença ontológica*, e que é desde o início, a diferença entre o Ser e o ser das coisas que o homem encontra ou põe. Na visão do filósofo, essa diferença é intransponível, constitutiva e fundante. O pensar acontece desde essa diferença ontológica e por isso falar *dela* é falar do núcleo, é falar da questão do sentido do ser e tematizar o próprio homem enquanto ser para quem a existência é uma questão jamais resolvida. Mas o pensar ocidental

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. op. cit. p. 203.

¹¹ LISPECTOR, Clarice. ‘O medo de errar.’ In, *A descoberta do mundo*. p. 230.

¹² VAZ, Henrique C. Lima. ‘Esquecimento e memória do ser: Sobre o futuro da metafísica.’ p. 151. In *O futuro da Metafísica*. Síntese, Nº 88 – 2000.

¹³ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. op. cit. p. 47.

ocupado totalmente com os entes, encantado com a técnica e preenchido pelas coisas não percebe a radicalidade de tal diferença, também não percebe que ocultá-la significa obscurecer o lugar de acesso à verdade, ou seja, o lugar da morada da essência humana, na qual habita propriamente o pensar.

Mas o que é *ente*, *Ser* e *diferença ontológica*? Na Introdução à metafísica Heidegger nos diz que o ente é *tudo o que é*, “O ente é aquilo que em cada caso é”¹⁴: casa, animais, plantas, etc, etc., inclusive o próprio homem que não se reduz a ente, pois tem o modo específico do ser-no-mundo como consciência de si. O ente é definido desde a compreensão prévia de outra coisa, mas o ente como ente só pode ser compreendido se se tem pré-compreendido algo assim como o Ser. No *Seminários de Zollikon*, Heidegger vai dar uma explicitação concisa sobre o ser: “Ser, a condição de abertura do ser, dá-se sempre somente como presença do ente”.¹⁵ Já em *Carta sobre o humanismo* podemos ler: “Mas o ser – que é o ser? Ele é ele mesmo. Experimentar isto e dizê-lo é a aprendizagem pela qual deve passar o pensar futuro – isto não é Deus, nem um fundamento do mundo”.¹⁶ Já a diferença ontológica, tematizada, dentre outros escritos, em *A constituição Onto-teo-lógica da Metafísica* é “A diferença de ente e ser, é o âmbito no seio do qual a metafísica, o pensamento ocidental em sua totalidade essencial, pode ser aquilo que é”.¹⁷ O *ser*, ele mesmo, é o inesgotável; o *ente* se apresenta no horizonte do ser e a *diferença* é o lugar de acontecimento de ente e ser. Eusebi Colomer analisando tais conceitos nos diz que “... o ser é aquilo graças ao qual o ente é ou, também, aquilo que faz com que o ente seja ente e possa ser compreendido como tal”.¹⁸ Quer dizer isso que “... o ser nunca é outra coisa senão o seu modo de se dar histórico aos homens de uma determinada época, os quais estão determinados por este seu dar-se na sua própria essência, entendida como o projeto que os constitui”.¹⁹

O homem não é outra coisa senão a própria pergunta pelo ser, e sendo assim, a ontologia fundamental é a radicalização do próprio ser do homem que ao interrogar-se, põe *a si* mesmo como *a questão* visto que **na** ontologia fundamental “...é a própria estrutura do ser do homem que deve ser esclarecida em primeiro lugar

¹⁴ Ibidem. p. 67.

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. Ed. Medard Boss. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 195.

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o Humanismo*. op. cit. p. 158.

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. ‘A constituição Onto-teo-lógica da Metafísica.’ In, *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1999. op. cit. (Os Pensadores). p. 189.

¹⁸ COLOMER, Eusebi. *El pensamiento Alemán de Kant a Heidegger*. op. cit. p. 470.

¹⁹ VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. op. cit. p. 109.

(...) no sentido em que o homem é lugar em que o sentido do ser se manifesta, se revela”.²⁰

Então podemos ver que a filosofia heideggeriana pode ser “... compreendida pela dimensão do resgate da *solidez* ontológica, pelo estremecimento da contemporaneidade”²¹, do mesmo modo que a literatura de Clarice, onde o ontos é desnudo provocando deslocamento profundos de sentido.

O trabalho de Heidegger alarga a possibilidade do homem contemporâneo pensar a si e, por conseguinte, o mundo. Com Heidegger é possível fazer uma leitura de todo o conjunto de nosso pensar a partir da questão da escuta, do silêncio, do diálogo como o originário da mútua-pertença entre homem e ser, também o mesmo se pode fazer a partir do trabalho de Clarice, só que por vias diversas. Para o filósofo, “...caso a questão do ser deva adquirir a transparência de sua própria história, é necessário, então, que se abale a rigidez e o endurecimento de uma tradição petrificante e se removam os entulhos acumulados”.²²

É necessário então repensar o homem em sua integralidade, como propriedade e improriedade, ou seja, autenticidade ou inautenticamente vivendo, envolto com o ser no mundo, com as coisas, ocupado e preocupado com a existência, pois a interrogação pelo *sentido do ser* não se resolve desde fora ou abstratamente, mas a partir da constatação real de que “... a existência se concebe dinamicamente, fazendo-se a si mesma no seio da decisão. O homem não é senão o que se faz; se faz livremente elegendo suas próprias possibilidades”.²³ Para Heidegger,

(...) a existência me foi outorgada, a fim de que o meu próprio eu seja a existência. Existência, porém, diz não apenas o cuidado do ser do homem, mas o cuidado do ser do ente, como tal, que se re-vela estaticamente no próprio cuidado. A existência é ‘em cada caso minha’, isso não quer dizer que seja posta por mim nem que esteja isolada num eu separado. A existência é ELA MESMA a partir de sua REFERÊNCIA ESSENCIAL com o Ser simplesmente²⁴.

²⁰ OLIVEIRA, Manfredo A. ‘Heidegger e o fim da filosofia.’ In, *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 1995. 2ª ed. p.122.

²¹ SOUZA, Ricardo Tim de. ‘Heidegger e a grande arqueologia.’ In, *O tempo e a máquina do tempo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 70.

²² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 51.

²³ COLOMER, Eusebi. *El pensamiento Alemán de Kant a Heidegger*. op. cit. p. 444.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. op. cit. p. 57.

O homem é o que ele se faz, o que quer dizer que *cada homem é sua própria chance e ninguém vai além disso*. Ir além disso significaria ser um Deus ou puramente animal, está totalmente colado à natureza ou totalmente transcendente. No homem, todo e qualquer pensar está enraizado na temporalidade, no ser fáctico, como nos diz Martin de *A maçã no escuro*, “... em qualquer lugar onde um homem experimentou se pôr de pé, ele próprio se tornou o centro do grande círculo, e o começo apenas arbitrário de um caminho”.²⁵ Em todo e qualquer lugar onde o homem se pôs a pensar, encontrou sempre a si mesmo como ser histórico devolvido desde as potências exteriores. É neste sentido que investigar *o sentido do ser* como questão fundante de todos os sentidos regionais, irá revelar que essa tematização passa “... necessariamente por uma análise do homem, enquanto ente, cujo ser consiste em compreender ser: (*aí onde*) o ser se dá”.²⁶

Pode-se então dizer que o trabalho de Heidegger é um pensar que traz intrínseca a exigência da escuta atenta ao ser, ao que dele se mostra e se vela, de compreendê-lo no instante²⁷. Pensar que se volta para o impensado, para o que subjaz ao pronunciado, pois para Heidegger, “...Jamais e em nenhuma língua o pronunciado é o dito”²⁸, muitas vezes uma compreensão apressada do enunciado pode esmagar a entrelinha, o dito, e o homem, como ser dado ao pensar, sabe que do ser, ele apenas “...é poema começado”.²⁹

Toda e qualquer manifestação humana tem já suas raízes fincadas no ser, mesmo que não o saiba ou não as tematize. O ser é o antes, o durante e o sempre no tempo da vida. Mas o ser se faz presente com mais argúcia no ente que tem a característica própria de ser consciente de si como ser no mundo.

A todos os animais, vegetais e minerais de um modo geral cabe ser, não apenas ‘*na*’ natureza, mas ‘*a*’ natureza, isso porque, “... as plantas e os animais estão mergulhados, cada qual no seio de seu ambiente próprio, mas nunca estão inseridos livremente na clareira do ser – e só assim é ‘mundo’”.³⁰ Uma das teses

²⁵ LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. op. cit. p. 21.

²⁶ OLIVEIRA, Manfredo A. ‘Martin Heidegger: pragmática existencial.’ In, *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 208.

²⁷ Como comenta André Dartigues, “...o ser não é de forma alguma um conteúdo de pensamento, mas o *elemento* no qual o pensamento vive como o peixe na água (...) Pensar o Ser é de fato a vocação do pensamento e pensá-lo precisamente na linguagem, pois a linguagem, é, no âmago da existência temporal, o limite que une a facticidade e o posito”. DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1973. p. 132.

²⁸ HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. op. cit. p. 45.

²⁹ *Ibidem*. p. 31.

³⁰ *Idem*. *Carta sobre o humanismo*. op. cit. p. 155.

centrais de *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão* é que os vegetais são destituídos de mundo, o animal é pobre de mundo e só o homem tem mundo³¹. Para Heidegger, “A pedra (..) é sem mundo; o animal é pobre de mundo; o homem é formador de mundo”³², isso porque só o homem tem o caráter da pre-sença³³, ou seja, o caráter da abertura como ser sentinte e compreensivo, enquanto que aos outros entes, “... falta-lhes a linguagem”.³⁴

Para o filósofo, a linguagem configura o aberto a partir de onde se dão todas as aberturas, todos os sentidos regionais, a partir de um sentido originário que é a possibilidade de toda e qualquer manifestação. Por isso, olhar a linguagem apenas como *exteriorização da razão e do sentido*, e de *expressão de sons e sentimentos*, é o caminho que trilhou nosso pensar, o que fez com que este se dissipasse do seu elemento que é o próprio ser. Este ser que ao mesmo tempo é questão-questionante-questionado.

Neste sentido, todo pensar autêntico seja da literatura, da filosofia, da poesia ou de qualquer outro modo de produzir saber, não pode ser uma imposição por quem o pensa nem a quem o pensa, mas é um *pósito*, posto pela existência, pela situação histórica dos homens que reclama participação e decisão. O mundo nos recebe e se precipita sobre nós como acolhida e interrogação exigindo-nos a cada tempo a pertença às suas tensões e terrores, revelando que todo o *posto* desaba sob a escuta ao ser. Pode-se afirmar então que todo e qualquer questionar verdadeiro está enraizado na temporalidade do ser no mundo, como nos faz ver Merleau-Ponty ao dizer que o “...movimento das idéias só chega a descobrir verdades ao responder a alguma pulsação da vida inter-individual, e toda a mudança no conhecimento do homem tem nele relação com uma nova maneira de exercer a sua existência”.³⁵

Martin Heidegger pertence a esta classe de pensadores solicitados pelas épocas a comprometerem-se com suas fragilidades e sucessos. Seu pensar situa-se sobretudo na confluência das duas grandes guerras sem, no entanto, reduzir-se a. É

³¹ *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*, juntamente com *Ser e Tempo*, são obras centrais para se pensar a questão da singularização, da finitude, do ser-com, do tédio, do ser-para-a-morte e da solidão.

³² HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. op. cit. p. 207.

³³ “Na tarefa de interpretar o sentido do ser, a pre-sença não é apenas um ente a ser interrogado primeiro. É, sobretudo, o ente que, desde sempre, se relaciona e comporta com o que se questiona nessa questão”. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 41.

³⁴ Idem. *Carta sobre o humanismo*. op. cit. p. 155.

³⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O homem e a adversidade*. In, *Sinais*. op. cit. p. 342.

um pensar comprometido com a radicalidade do ser, por isso é sempre retorno ao elemento primeiro, busca das origens. Segundo *Richard Palmer*,

Desde o começo que Heidegger procurou um método de ultrapassar as concepções de Ser defendidas no Ocidente, um método que permitisse ir às raízes dessas concepções, uma ‘hermenêutica’ que lhe permitisse tornar manifestos os pressupostos sobre os quais se tem baseado.³⁶

O retorno às origens não é uma excentricidade de um pensador que quer salvar-se da banalidade do conhecer fácil e por isso inventa um jogo de linguagem criando um mistério em torno da própria ação, mas visa re-visitar o caminho traçado pela metafísica. Para ele o pensar é reuninte, quer dizer, recolhe a expansividade do mundo pela palavra que reúne em si todos os contraditórios num apaziguamento que cria a sociedade humana. Em *Da experiência do pensar*, o filósofo nos diz que “Toda coragem do coração é a ressonância ao apelo do Ser, que reúne nosso pensar no jogo do mundo”.³⁷ O pensar, pela escuta, sustenta no mundo a singularidade num jogo de imanência e transcendência com a linguagem e o tempo, configurando o que Clarice nos diz em *Água viva* com a extrema delicadeza da voz poética: “Bem atrás do pensamento tenho um fundo musical. Mas ainda mais atrás há o coração batendo”.³⁸ Bem atrás do pensamento há um coração batendo, bem mais atrás, a própria origem é o que alimenta o filósofo e a literata na busca incansável pelo viver.

Portanto, a busca da origem é também outro ponto comum entre os dois pensadores, pois a obra da escritora é toda marcada pelo movimento de retorno ao impensado, este impensado que muitas vezes se revela pela epifania ou pelo sonho ou devaneio. Em Clarice, o coração entrega-se a ouvir o silêncio imanente no cosmos seja da natureza, seja da cultura, com o objetivo de “... envolver com nossas mentes o tecido do cosmo e tocar com as mãos a textura da realidade”.³⁹

Heidegger, num culto à “...magnificência do simples”⁴⁰ vai nos dizer que a única coisa que o pensar em *Ser e Tempo* procura alcançar é algo simples, configurando assim o que Clarice nos diz, que o verdadeiro pensamento é tão simples que “...parece sem autor”⁴¹, porque do ser parte como convocação ao

³⁶ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1969. p 129.

³⁷ HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. op. cit. p. 41.

³⁸ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. op. cit. p. 47.

³⁹ GREENE, Brian. *O tecido do cosmo: o espaço, o tempo e a textura da realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 21.

⁴⁰ HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. op. cit. p. 37.

⁴¹ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. op. cit. p. 91.

homem. Requisitado a pensar, o homem deve dar-se à escuta do apelo do ser para, a partir daí, poder constituir-se como diferença. Nas palavras de Clarice, “...o verdadeiro pensamento se pensa a si mesmo, essa espécie de pensamento atinge seu objeto no próprio ato de pensar”.⁴² É no ato da entrega ao pensar-sentir que o homem se põe como eixo de si mesmo, como escuta ao que vem a nós como apelo: “Nós nunca chegamos aos pensamentos. Eles vêm a nós”.⁴³ Para a escritora,

(...) o pensamento do homem e o modo como esse pensar-sentir pode chegar a um grau extremo de incomunicabilidade – que, sem sofisma ou paradoxo, é ao mesmo tempo, para esse homem, o ponto de comunicabilidade maior. Ele se comunica com ele mesmo.⁴⁴

Neste ponto de comunicabilidade/incomunicabilidade o homem encontra-se precisamente só, mas encontra em si as ressonâncias da universal voz do mundo. Martin, de *A maçã no escuro*, ao tentar usar o artifício da escrita para se desdobrar desta incomunicabilidade maior, dolorosamente descobre que o seu ‘método’ não funciona, pois a condição humana é precária e precários são também nossos desejos de tentar esgotá-la com palavras:

(...) ele terminou se perguntando se tudo que ele enfim conseguira pensar, quando pensara, também não teria sido apenas por incapacidade de pensar uma outra coisa, nós que aludimos tanto como máximo de objetividade. E se sua vida toda não teria sido apenas alusão. Seria essa a nossa máxima concretização: tentar aludir ao que em silêncio sabemos? (...) Mas quem sabe – perguntou-se então na perfeita escuridão do absurdo – (...) Quem sabe se o nosso objetivo estava em sermos o processo.⁴⁵

É o processo que Martin descobre ser o máximo de um homem: “E se assim for, oh Deus – a grande resignação que se precisa ter em aceitar que nossa beleza maior nos escape, se nós formos apenas o processo”.⁴⁶ Tanto Heidegger quanto Clarice sabem que numa experiência comprometida com a temporalidade, “O permanente de um pensamento é o caminho”⁴⁷ visto que “... o mais antigo do antigo vem ao nosso pensar atrás de nós e apesar disso ao nosso encontro”⁴⁸. Se há um

⁴² Ibidem. p. 91.

⁴³ HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. op. cit. p. 35.

⁴⁴ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. op. cit. p. 91.

⁴⁵ LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. op. cit. p. 165s.

⁴⁶ Ibidem. p. 166.

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *De camino al habla*. op. cit. p. 90. Os desdobramentos de um pensamento a caminho e em caminho sabem que, o que existe, mesmo na interrogação, é o caminho. O que permanece é o caminho do acesso ao ser.

⁴⁸ Idem. *Da experiência do pensar*. op. cit. p. 43.

amparo, este não vem de uma exterioridade indiferente, mas “...é o amparo que encontramos na obra conjunta da realização dos homens na história do mundo até o presente.”⁴⁹

Para o pensamento de Heidegger e o de Clarice vale o que G.H. de *A Paixão Segundo G. H.*, nos diz em seu desespero de tentar encontrar a si:

É inútil procurar encurtar o caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despersonal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes⁵⁰.

A vida se dá sempre na hora marcada que é o *instante-já*, e quem o perde, perde a própria natureza do vivo. Clarice, como cuidadora do ser vai nos dizer: “Às vezes tenho a impressão que meu destino é ter apenas um pensamento que ainda não tive”⁵¹. Daí a luta, tanto de sua literatura quanto do filosofar de Heidegger para dizer esse pensamento ainda não dito, para dizer o ser nos seus mais diversos desvios. G.H., para chegar à magnificência do simples, vive esse movimento pré-agônico até o máximo de sua tensão, chegando a um ponto de intensidade ontológica que a palavra se revela frágil isca para pescar o absoluto de si e do mundo:

Ah, mas para se chegar à mudez, que grande esforço da voz. Minha voz é o modo como vou buscar a realidade; a realidade, antes de minha linguagem, existe como um pensamento que não se pensa, mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa.⁵²

É neste sentido que podemos fazer dialogar a *ontologia hermenêutica*⁵³ característica da segunda fase do pensar de Heidegger com o trabalho de Clarice, pois o filósofo, por essa via, se aproxima mais e mais do dizer poético⁵⁴, como via de acesso ao vigoroso, pois é uma ontologia direta de acesso ao Ser. Para Heidegger, o poeta fala sempre como se visse a realidade pela primeira vez, enquanto o

⁴⁹ SCHELER, Max. *A Posição do Homem nos Cosmos*. op. cit. p. 90.

⁵⁰ LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G. H.* op. cit. p.113.

⁵¹ Idem. *A maçã no escuro*. op. cit. p. 266.

⁵² LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G. H.* p.112.

⁵³“(…) o que é acentuado agora é que não só o homem nunca existe sem o ser, mas também o ser nunca existe sem o homem. (...) O ser relaciona-se com o homem enquanto tem necessidade deste para acontecer; e o acontecer não é um acidente ou uma propriedade do ser, mas é o próprio ser. Nem o homem nem o ser podem conceber-se como ‘em si’, que depois se encontram em relação”. VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. op. cit. p. 107.

⁵⁴ Cf. NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: Filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1992.

conceito racionalizante constrói através da competência do raciocínio lógico um mundo já ensaiado. Trabalhar no mundo da imagem poética é aceitar as condições impostas pelo ser sem, no entanto, se acostumar a elas. É procurar estender os limites do possível numa transcendência da realidade sobre si mesma, estender os limites da linguagem a uma tensão que seja esta capaz de escutar o ressoar dos ruídos da *physis*. Clarice levando G. H. ao extremo de tal experiência vai descobrir a tênue linha que separa o caos, do orgânico, o precipício do eterno:

A palavra tem o seu terrível limite. Além desse limite é o caos orgânico. Depois do final da palavra começa o grande uivo eterno. Mas para algumas pessoas escolhidas pelo acaso – depois da possibilidade da palavra vem a voz de uma música, a música que diz o que eu simplesmente não posso agüentar.⁵⁵

É então que Heidegger vai se embrenhar na solução que Clarice aponta em *Água viva* quando se atinge tal grau de refinamento do pensar: “Quando a existência de mim e do mundo ficam insustentáveis pela razão – então me solto e sinto uma verdade latente. Será que eu reconheceria a verdade se esta se comprovasse?”⁵⁶ Só o alcance poético é capaz de mergulhar na clareira do ser ele mesmo, pois “...o poetar pensante é na verdade a topologia do ser. Ela diz a este o lugar de sua essência.”⁵⁷.

Eusebi Colomer afirma que “(...) é característica da etapa ontológica a preferência pela expressão poética e um contínuo mergulho no originário da linguagem”⁵⁸. Só a experiência poética pode captar o inaudito no pronunciado. Assim, “(...) Heidegger intenta transformar o pensamento acerca do Ser em pensamento do Ser mesmo”⁵⁹ tematizando o não-tematizável que está sempre presente em toda práxis antes que qualquer análise seja feita.⁶⁰

Este desenrolar do trabalho de Heidegger pela via da essência da linguagem se desdobra desde a questão sobre o *sentido do ser*. Nas obras posteriores a *Ser e Tempo* a questão da linguagem se configurará como núcleo de todos os sentidos

⁵⁵ LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G. H.* op. cit. p. 117.

⁵⁶ LISPECTOR, Clarice. *Água viva.* op. cit. p. 41.

⁵⁷ HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar.* op. cit. p. 47.

⁵⁸ COLOMER, Eusebi. *El pensamiento Alemán de Kant a Heidegger.* op. cit. p. 467.

⁵⁹ Idem. p. 467.

⁶⁰ “(...) tematizar o não-tematizável e já sempre presente em toda práxis: o ser como condição última de possibilitação. (...) quer recuperar um pensamento atento ao ser, o que só é possível superando o empobrecimento da linguagem e de sua transformação em instrumento de informação numa época em que toda a objetividade significa uma chance de manipulação, uma vez que significa produção.” OLIVEIRA, Manfredo. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea.* op. cit. p. 217.

questionantes: “... em *Ser e Tempo* hermenêutica não significa nem a doutrina da arte da interpretação, nem a interpretação mesma, mas a tentativa de determinar, ante tudo, o que é a interpretação a partir do que é hermenêutico”⁶¹. O hermenêutico se dá partir do que é compreendido no existir fáctico, na facticidade do ser-no-mundo.

Em *Ser e Tempo*, a reflexão sobre a linguagem “... tinha por tarefa mostrar o ‘lugar’ ontológico desse fenômeno dentro da constituição ontológica da pre-sença”, para, a partir daí, poder “...visualizar a cotidianidade da pre-sença de uma maneira ontologicamente mais originária”.⁶² Visava com isso estabelecer uma relação do discurso com outros fenômenos do ser-no-mundo, como o falatório, a ambigüidade, a curiosidade e a decadência, dentre outros.

Tal pesquisa visa sempre explicitar as relações entre ser e verdade. Segundo Tatiana Aguillar, quando se trata do pensamento de Heidegger “o primeiro eixo ou coordenada que se tem que ter constantemente em vista é a correspondência entre ser e verdade”. Pois, “em sua *Fenomenologia do logos* Heidegger se propõe explicitar a relação entre ser e verdade a partir de análises do ente em que a verdade se dá”⁶³, e o ente onde a verdade se dá é o homem, visto que o “ser só pode ser experienciado em e pela presença de um ente”.⁶⁴ Portanto a linguagem, neste olhar, “(...) se traduz como função que possibilita a verdade, entendida como um vínculo entre o homem e o ser”.⁶⁵ A linguagem vincula a relação ser-verdade-homem, consumando assim essa relação. Em *Carta sobre o humanismo* Heidegger nos dia que

A palavra nomeia o âmbito aberto onde o homem habita. O aberto de sua morada torna manifesto aquilo que vem ao encontro da essência do homem e assim, aproximando-se, demora-se na proximidade. A morada do homem contém e conserva o advento daquilo a que o homem pertence em sua essência.⁶⁶

⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *De camino al habla*. op. cit. p. 90 “O hermenêutico não quer dizer primeiramente interpretar senão que, antes ainda, significa o trazer mensagem e notícia”. Ibidem. p. 111.

⁶² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 226.

⁶³ Cf. BAY, T. Aguilar-Álvarez. *El lenguaje en el primer Heidegger*. México: Fondo de Cultura Económica. S.d. p. 13s “Ser – não entes – só o ‘há’ onde a verdade é. E a verdade só é até e desde onde o dasein é. O ser e a verdade ‘são’ igualmente originais”. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 33.

⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*. op. cit. p. 175.

⁶⁵ BAY, T. Aguilar-Álvarez. *El lenguaje en el primer Heidegger*. op. cit. p. 13s.

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. op. cit. p. 170. Como diz Vattimo, “pensar o ser como Ereignis e como Ubereignen pressupõe, na realidade, que seja discernível, na existência do estar-aí, um modo de ser em que o Dasein não se limita a ‘estar dentro’ de uma determinada abertura

Esta tese será desdobrada nas obras posteriores a *Ser e Tempo* e será o ponto de intersecção entre mundo-finitude-solidão. A linguagem como articulação da compreensão existencial⁶⁷ irá revelar que o uso da linguagem como instrumento a serviço da razão obcecante e que a acorrenta aos ‘*grilhões da gramática*’, é fruto do esquecimento do ser. Por isso, a tarefa de um pensar que tem por objeto destituir tal percepção de mundo deve ser empreendida como *desconstrução* da ontologia tradicional, como analisa Richard Palmer,

A ontologia tem que se tornar fenomenologia. A ontologia tem que se voltar para os processos de compreensão e de interpretação pelos quais as coisas aparecem; tem que descobrir o modo da existência humana; tem que tornar visível a estrutura invisível do ser-no-mundo.⁶⁸

Com a virada, isto é, com o campo aberto pela hermenêutica ontológica, a investigação de Heidegger vai se voltar para o impensado original, o impulso inicial da origem. Mas o que é a origem? E o que é que a origem ilumina caso seja atingida? O ser.⁶⁹ A ontologia deve tornar-se uma hermenêutica da existência, tornando-se modo primário de interpretação e, como modo primeiro, fazer com que apareça, se dê o que há de se dá, saia do seu esconderijo. A hermenêutica, que não é aqui teoria da compreensão e da interpretação, é o modo próprio do dar-se do homem como ser-no-mundo. A hermenêutica é uma forma que o ser existente tem de tornar conhecido para si mesmo a sua própria natureza de ser, pois para Heidegger, “Desde que temos a coisa diante dos olhos e no coração a atenção à palavra, o pensar é bem sucedido.”⁷⁰

O que vai importar para Heidegger não é propor uma nova visão sobre a fala, mas mergulhar no seu elemento. Tudo consiste em aprender a morar no falar da fala⁷¹, pois “... Se fazemos a experiência do caminho à fala, à luz do que, fazendo

já aberta, mas participe de algum modo no seu abrir-se”. *Introdução a Heidegger*. op. cit. p. 112.

⁶⁷ “(...) a linguagem na sua verdadeira essência, como articulação essencial da compreensão situacional, histórica, é algo que pertence ao modo de ser do homem”. PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. op. cit. p. 157.

⁶⁸ PALMER, E. Richard. *Hermenêutica*. op. cit. p. 134.

⁶⁹ Para Marlène Zarader, “No caminho da sua questão, Heidegger encontra a necessidade de regressar à destinação inaugural do ser, tal como foi outorgada na alvorada da nossa história. (...) visa (com isso) explicitar as experiências (Erfahrungen) iniciais, experiências tornadas possíveis pela língua do começo (no caso, a língua grega).” In *HEIDEGGER e as palavras da origem*. Lisboa : Instituto Piaget. S/d. p. 28.

⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*. op. cit. p. 33.

⁷¹ Idem. *De camino al habla*. op. cit. p. 30.

caminho, se dá com o caminho, então poderia se dar o suposto em virtude do qual a fala nos inspira, (...) e que nossa relação com ela se manifesta como a Relação”.⁷²

Há nesse momento do pensar uma doação íntima entre ser e homem. O homem acontece como o aberto do ser numa livre entrega onde já se desfizeram as determinações do pensar tradicional. O que resulta é a indigência do ser que se apresenta agora em *nudez* e *mudez*, atento à escuta do apelo do ser e cômico de que “a verdadeira atitude de pensar não é colocar perguntas senão escutar atentamente ao consentimento daquilo que deve pôr-se em questão”.⁷³ Neste caminho Heidegger avança para interpretar não apenas os poetas, mas os filósofos pré-socráticos e suas contribuições inaugurais ao nosso pensar.

O novo paradigma da ontologia hermenêutica fundamenta um olhar onde o homem, enquanto lançado no ser, é facticidade originária experienciando a cumplicidade de pertencer à fala em sua *nudez* sem nome, num movimento de retorno ao originário silêncio pulsante das primeiras teias de força da *physis* que possibilitam a tapeçaria da vida.

O pensar é ao mesmo tempo pensar do ser na medida em que o pensar, pertencendo ao ser, escuta-o: “...o pensar é – isto quer dizer: o ser encarregou-se, dócil ao destino e por ele dispensado da essência do pensar”.⁷⁴ Encarregar significa: cuidar, consumir, amar, querer, levar à plenitude de forma, à ‘gratificar a essência’, a deixar ser. A linguagem acolhe o ser-separado na unidade, cuidando e protegendo. Ela hospeda a diferença e por isso é ela a ‘casa do ser’, tese que já está presente em *Ser e Tempo*. Aqui a filosofia parte “(...) da hermenêutica da presença, a qual enquanto analítica da existência, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele brota e para onde ele retorna: o ser”.⁷⁵ Para o segundo Heidegger, a fala é que dá voz à relação hermenêutica⁷⁶. Ser que se dá e pode acontecer é linguagem, e qualquer investigação deve necessariamente debruçar-se sobre isto, sob pena do cair na banalidade da fala falada.

⁷² Ibidem. p. 217.

⁷³ HEIDEGGER, Martin. *De camino al habla*. op. cit. p. 157.

⁷⁴ Idem. *Carta sobre o humanismo*. op. cit. p. 150.

⁷⁵ Idem. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 69.

⁷⁶ O “Pensar age enquanto se exerce como pensar. Este agir é provavelmente o mais singelo e ao mesmo tempo, o mais elevado, porque interessa à relação do ser com o homem. Toda eficácia, porém, funda-se no ser e se espraia sobre o ente. O pensar, pelo contrário, deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser. O pensar consome este deixar. Pensar é l’engagement par l’Être pour l’Être. (...) O pensar não é apenas l’engagement das l’action? em favor e através do ente, no sentido do efetivamente real da situação presente. O pensar é o l’engagement através e em favor da verdade do ser”. HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. op. cit. p.149.

Em nossa época o homem vive governado pelo contorno, inserido entre as coisas do mundo como uma delas, um mundo onde as idéias são impalpáveis fantasmas que nos sustentam no além das coisas e inclusive o próprio homem é descartado como um elemento a mais na igualação de tudo com tudo que nivela as diferenças por baixo. Para Heidegger, essa decomposição em geral, e em especial a “...da linguagem (...) é já uma consequência do fato de que a linguagem, sob o domínio da metafísica moderna da subjetividade, se extravia, quase irresistivelmente de seu elemento”⁷⁷, a saber, “...que ela é a casa da verdade do ser. O esvaziamento da linguagem (...) provém de uma ameaça à essência do homem”⁷⁸, e não tem como fruto apenas o desgaste ético e estético do uso da linguagem resultante da ‘*ditadura da opinião pública*’ no cotidiano, e, até a incapacidade de enfrentar o olhar da questão de modo aberto⁷⁹ é já uma decorrência deste fato.

Do seu projeto investigativo pode-se dizer que visa desdobrar a essência do homem que acontece como linguagem, esta constitui o fundamento de toda experiência do real, visto que “... só podemos pensar dentro de uma língua. E é justamente este habitar de nosso pensamento em uma língua o enigma profundo que a linguagem coloca ao pensamento”.⁸⁰ Quer dizer isto que estamos na linguagem já sempre em casa, e todo pensar sobre a linguagem vê-se já sempre de novo apanhado pela linguagem⁸¹.

O pensamento não foi dado ao homem, foi forçado pelo homem na aurora do seu nascer. Se existe algo efetivamente humano é o pensar, inclusive o pior dentro do pensar. Pensar é o dramático ato de ser homem: “Pensar é tão imaterial que nem palavras tem”.⁸² Para Heidegger,

Caso o homem encontre, alguma vez, o caminho para a proximidade do ser, deve antes aprender a existir no inefável... Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro, o apelo do ser, sob o risco de, dócil a este apelo, pouco ou raramente algo lhe restar a dizer. Somente assim será devolvido à palavra o valor de sua essência e o

⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o Humanismo*. op. cit. p. 152

⁷⁸ *Ibidem*. p. 151

⁷⁹ Por conseguinte, “a linguagem abandona-se, ao contrário, a nosso puro querer e a nossa atividade, como um instrumento de dominação sobre o ente.” *Ibidem*. p. 152.

⁸⁰ GADAMER, Hans-Georg. ‘Homem e linguagem.’ In, *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Custódio L. S. Almeida; Hans-Georg Flickinger; Luiz Rohden. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p.120.

⁸¹ “O homem que pensa não manipula palavras como instrumento de uma mensagem a comunicar, mas ‘habita’ sempre já a língua”, ela é o que instala o homem enquanto ‘o’ humano. HAAR, Michel. *HEIDEGGER e a essência do homem*. Lisboa : Instituto Piaget, 1990. p. 142s.

⁸² LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: (Pulsações)*. op. cit. p. 165.

homem será gratificado com a devolução da habitação para residir na verdade do ser.⁸³

Nesse estado intermediário está o verdadeiro lugar do homem, o verdadeiro lugar da compreensão e é por isso que para o filósofo a “Filosofia é o contrário de todo aquietamento e asseguramento. Ela é o turbilhão para o interior do qual o homem é arrastado, a fim de que assim sozinho e sem a presença de qualquer fantasia compreenda o ser-aí”.⁸⁴ O que bem pode ser dito da literatura, e especialmente com a beleza e docilidade de Clarice: “Eu não escrevo por querer não. Eu escrevo porque preciso. Senão o que fazer de mim?”.⁸⁵

Pensar não se reduz a produzir raciocínios, é o desejo irrefreável para encontrar um sentido na totalidade do mundo que é mestre na arte de ocultar sua natureza. Pensar, diálogo silencioso de mim para comigo, mostra-nos que é com o ser si mesmo que antes temos que lidar. Nós que nos temos em vista, que não somos senão tempo revolvendo-nos com o pensar no “tempo presente que não tem promessa, que é, e que está sendo”⁸⁶, somos portas abertas.

Referências

- BAY, T. Aguilar-Álvarez. El lenguaje en el primer Heidegger. México: Fondo de Cultura Económica. S.d.
- COLOMER, Eusebi . El pensamiento alemán de Kant a Heidegger. Vol. III. Barcelona: Herder, 1990.
- DARTIGUES, André. O que é fenomenologia?. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1973.
- GADAMER, Hans-Georg. ‘Homem e linguagem.’ In, *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Custódio L. S. Almeida; Hans-Georg Flickinger; Luiz Rohden. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.
- GREENE, Brian. O tecido do cosmo: o espaço, o tempo e a textura da realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HAAR, Michel. HEIDEGGER e a essência do homem. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o Humanismo. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

⁸³ HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. op. cit. p.152.

⁸⁴ Idem. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. op. cit. p. 24.

⁸⁵ LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de vida: (Pulsações)*. op. cit. p.100.

⁸⁶ Idem. *A Paixão segundo G.H.* op. cit. p. 57.

- HEIDEGGER, Martin. De camino al habla. Barcelona: Del Serdal, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. 'A constituição Onto-teo-lógica da Metafísica.' In, Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1999
- _____. Da experiência do pensar. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 41.
- _____. Introdução à Metafísica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- _____. Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2003.
- _____. Seminários de Zollikon. Ed. Medard Boss. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- _____. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 1999 (Partes I e II).
- LISPECTOR, Clarice. 'O medo de errar.' In, A descoberta do mundo Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. A maçã no escuro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- _____. A Paixão Segundo G. H. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1896.
- _____. Água viva. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.
- _____. Um sopro de vida: (Pulsações). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O homem e a adversidade. In, Sinais. Editorial Minotauro, LDA. S/r.
- NUNES, Benedito. Passagem para o poético: Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1992.
- OLIVEIRA, Manfredo A. 'Heidegger e o fim da filosofia.' In, A filosofia na crise da modernidade. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- PALMER, Richard E. Hermenêutica. Lisboa: Edições 70, 1969.
- SCHELER, Max. A Posição do Homem nos Cosmos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- SOUZA, Ricardo Tim de. 'Heidegger e a grande arqueologia.' In, O tempo e a máquina do tempo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- VATTIMO, Gianni. Introdução a Heidegger. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VAZ, Henrique C. Lima. 'Esquecimento e memória do ser: Sobre o futuro da metafísica.' In O futuro da Metafísica. Síntese, Nº 88 – 2000.
- ZARADER, Marlène. HEIDEGGER e as palavras da origem. Lisboa: Instituto Piaget. S/d.